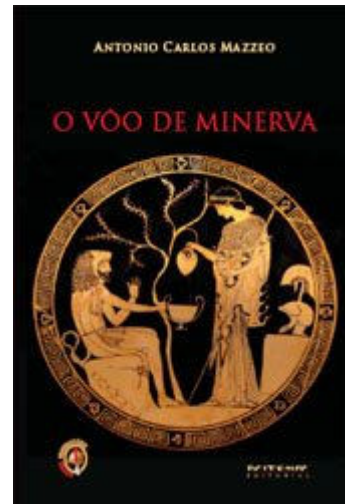


resenha

MAZZEO. Antonio Carlos. **O vôo de Minerva: a construção da política, do igualitarismo e da democracia no ocidente antigo.** São Paulo: Boitempo; Oficina Universitária UNESP, 2009.

A dialeticidade entre política, igualitarismo, democracia e desigualdade

SAULO RODRIGUES CARVALHO*



Antonio Carlos Mazzeo é livre-docente em Teoria Política pela Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Marília, onde leciona. É doutor em História Econômica e Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Estudioso da filosofia política do mundo antigo apresenta neste livro as discussões que nortearam sua pesquisa de pós-doutoramento concretizada na *Terza Università degli studi di Roma*. Fato que nos oferece indícios para especular sua opção pelo nome romano da deusa grega presente no título da obra, onde se debruça para compreender a gênese histórica da cultura política do mundo Grego Clássico.

Destacaremos nesta resenha a análise dialética das contradições concretas da gênese política da democracia apresentadas na obra como um diapositivo da elevação e decadência do império ateniense, observando as relações entrepostas dos conceitos de política, igualitarismo e democracia como mediações do conflito de classes da antiguidade.

O vôo de Minerva ganhou plasticidade na representação de Hegel à filosofia, significando não só a elucidação

daquilo que não é possível ver ao escurecer de uma civilização, como também a possibilidade de compreendê-la em sua totalidade. A alusão da figura hegeliana do conhecimento, expressa a preocupação deste livro em apreender as bases ontológicas e mediativas de uma *Weltanschauung* (cosmologia) do “Ocidente Antigo” em sua processualidade histórica e dialética.

Sob o meticuloso olhar lukacsiano, Mazzeo examina as bases materiais das formações sociais que precederam e originaram a cultura política da Grécia Clássica. As sociedades palaciais que surgem no oriente representadas, em sua maioria, pelo Egito e pelo império Hitita teriam influenciado social e culturalmente o Ocidente num “(...) longo processo de *mediterraneização da cultura oriental*” (MAZZEO, 2009, p. 43). O legado dessa relação intramarina, resultou na constituição de um modelo social particularmente materializado pela sociedade cretense que posteriormente irá escoar na formação da pólis grega e de uma cosmo-visão onde igualitarismo, política e democracia compõem um complexo de mediações que regulam e controlam o conflito de classes. Em

decorrência do desenvolvimento particular da propriedade privada consubstanciada na forma do trabalho escravo se inserem questões de poder e de legitimidade que se põe “(...) como consequência, das próprias formas de propriedade e de reposição da vida material” (MAZZEO, 2009, p. 25).

Desta forma, a política, o igualitarismo e a democracia grega compõem o complexo **mediativo** de relações sociais profundamente desiguais. Em sua gênese o resultado de lutas intestinas de uma sociedade agrária permitiu ao campesinato se constituir como força política frente à aristocracia (*Stasis*), obrigando-a a ceder terreno político, incorporando os camponeses à esfera da vida pública, porém subordinando-os “(...) de tal modo que a luta de classes, precoce e progressivamente, acabou subsumida aos jogos manipulatórios proporcionados pela *isonomia formal*, própria da democracia direta de caráter escravista (...)” (MAZZEO, 2009, p. 99).

O igualitarismo presente no pensamento filosófico dos jônios no período arcaico se caracteriza pelo poder unificador entre indivíduo e comunidade fundindo uma unidade que representa o **modo-de-ser** da natureza e do homem, ou seja, a *Physis*, a matéria que é fundamento eterno de todas as coisas e confere unidade e permanência ao universo. No período clássico esse conceito é apoderado pela democracia escravista que lhe concede nova legalidade como elemento regulador e estruturador da desigualdade.

A política surge com o igualitarismo como modo de se manter o Estado Grego na sua forma mais desenvolvida, ou seja, transformando em iguais classes sociais essencialmente desiguais. Ao mesmo tempo em que inclui os camponeses ao processo

democrático igualando-os abstratamente à aristocracia, anula a humanidade dos escravos constituindo um intrincado processo de manipulação, onde as oligarquias escravistas assumem com cada vez mais poder o controle político da situação.

A democracia, por sua vez, totaliza o complexo onde política e igualitarismo podem funcionar como mediações de “segunda ordem”, como assinala Mazzeo (2009) “resultantes da *automediação ontologicamente fundamental do homem* com a natureza, efetuada pelo *trabalho (Arbeit)*” (p. 22). Dada a natureza de relações profundamente **estranhadas** de intercâmbio orgânico realizadas sob a forma de apropriação privada do trabalho escravo, há nesse processo o embrião da separação entre homem individual e a comunidade genérica, o *gérmen* da individuação do homem.

Investigando as particularidades da processualidade histórica da política no Mundo Antigo, Mazzeo não só esboça o movimento dialético da metabolização do conflito pela democracia, como extrai dele o processo de síntese que possibilita o surgimento de uma **emergente individualidade**, evidenciando o fosso entre os interesses privados e o interesse comunitário. Ao alçar o seu vôo, nos insere no contexto da crise da polis ateniense refletida pelo pensamento de um de seus mais ilustres cidadãos. Sócrates se põe como crítico da democracia ateniense responsável pela desagregação social e crise ético-moral da coesão comunitária conquistada no Tardo Arcaísmo.

Na esteira da crítica socrática, Platão examina a sociedade mercantil e a propriedade privada como elementos desagregadores do espírito coletivo da pólis e responsáveis pela degradação da *αρετή* (virtude) que emana da vida

comunitária. Os filósofos atenienses enxergavam na democracia o cerne da desigualdade entre os cidadãos e se colocaram contra o seu espectro ideológico, propondo um retorno à sociedade igualitária do Arcaísmo Grego, por meio da educação (*Paidéia*) fundada num modelo civilizatório ético-político, onde fosse possível alcançar a virtude, uma vez que ela não poderia ser ensinada.

Como ressalta no prefácio escrito pelo professor e analista político João Quartim de Moraes, a maior aspiração teórica do livro encontra-se na busca

pela comprovação entre os nexos da aparição da propriedade privada e a “invenção da democracia”. Com esse feito, nos abre um leque de possibilidades para compreender como a experiência Grega inspirou mais tarde a burguesia na construção do seu próprio complexo ideológico-político, não como cópia do mundo antigo, mas, incorporando ao sociometabolismo do capital, elementos reguladores de uma sociedade profundamente desigual, subordinada pela propriedade privada e a exploração do trabalho assalariado, na extração da **mais-valia**.



* SAULO RODRIGUES CARVALHO é Mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista.